

NÓS MULHERES

MARÇO DE 1978

Nº 7

Cr\$ 7,00

As mulheres em busca da liberdade



Livre interpretação do
quadro de Delacroix,
A Liberdade Guiando o Povo

Com a palavra:

Após sete meses de silêncio, iniciamos uma nova etapa de trabalho com a finalidade de levar regularmente o Nô Mulheres às mãos de nossas leitoras e de todos aqueles que partilham de nossas reflexões sobre a luta da mulher brasileira. Durante esse tempo, foram muitas as manifestações de solidariedade que recebemos, inclusive contribuições em dinheiro, numa demonstração de confiança por parte do público deste jornal. Isto nos ajudou a superar, pelos menos em parte, o problema financeiro - um dos mais sérios da imprensa independente (veja em cartas).

Desde o início de seu trabalho, em 1976, NM defrontou-se com a falta de dinheiro. As vendas do jornal não foram suficientes para o seu auto-sustento e a publicidade, importante fonte de renda da grande imprensa, é difícil de ser conseguida por um jornal como o nosso. Ao lado disso, tivemos problemas de distribuição: desinteresse dos donos de bancas e distribuidores que sumiam com o dinheiro da venda dos jornais.

Tudo isso colaborou para o nosso silêncio - mas os problemas não terminam aí. Ao fazermos um balanço do porquê, naquele momento, era impossível continuar a publicar o NM, percebemos que parte dessa impossibilidade devia-se às próprias dificuldades de levar adiante, hoje, um projeto feminista.

Que as coisas fiquem claras: mantemos a firme convicção de que existe um espaço para a imprensa feminista, que denuncia a opressão da mulher brasileira e luta por uma sociedade livre e democrática. Acreditamos que a liderança da luta feminista cabe às mulheres das classes trabalhadoras que não só são oprimidas enquanto sexo, mas também exploradas enquanto classe. No Brasil, dada a incipiência da organização de todos que lutam por uma sociedade democrática e, em particular, da organização das mulheres, essa liderança ainda não foi assumida. E esse é o grande desafio que enfrentamos. Será somente quando os

movimentos amplos de mulheres das classes trabalhadoras e os atuais grupos feministas - em geral, mulheres pertencentes à classe média que tiveram acesso mais fácil ao conhecimento - integrem-se como um todo orgânico, que o feminismo se tornará uma força concreta de transformação social.

Por isto, NM continuará defendendo a perspectiva das mulheres trabalhadoras, registrando suas lutas e, ao mesmo tempo, tentando avançar na discussão de todos os aspectos que envolvem a opressão da mulher - e que vão desde o lugar ocupado por ela na estrutura produtiva até a própria repressão sexual. O jornal pretende, com isso, atingir a todas as mulheres democratas de diferentes camadas sociais interessadas na questão feminina.

Estes sete meses, portanto, foram fiéis ao velho ditado: "há males que vêm para bem". O profundo processo de debates por que passamos apontou outros caminhos para concretizar nossos objetivos e nossa unidade. Percebemos que, além de fazer o jornal, era fundamental absorver as mulheres identificadas com nossos pontos de vista em outras atividades ligadas à luta feminista. Vimos a necessidade de tornar real a Associação das Mulheres, que existia formalmente desde a criação do NM. Nesta Associação, uma série de atividades podem ser realizadas. Formaram-se mais três grupos: pesquisa, cinema e contatos com mulheres de diferentes setores. Parte do antigo grupo que fazia o jornal distribuiu-se entre estes subgrupos e novas mulheres juntaram-se a nós.

Frente à escassez de canais de expressão e atuação em nossa sociedade, a Associação das Mulheres assume um papel importante. Ela deverá possibilitar a discussão e luta em torno das questões que dizem respeito à mulher: a democracia e a emancipação feminina. Pretendemos que a Associação se constitua num grupo de mulheres que atuem efetivamente na transformação da realidade em que vivemos e que, ao lado do Nô Mulheres, seja um instrumento na luta para que o feminismo se consolide em nosso país.

NOS MULHERES

Conselho Editorial

- Cida Aidar
- Cynthia Sarti
- Jany Rašchkovsky
- Lia Zatz
- Maria Inês Castilho
- Maria Moraes
- Marli Gonçalves
- Rita De Luca
- Solange Padilha
- Susana Camargo Kfour

Colaboradores

- Angeli
- Carolina Macedo
- Glorinha
- Sivia

é todos os grupos de mulheres que contribuíram com seu depoimento.

Arte Alfredo Nastari

Capa Conceição Cahú

Jornalista Responsável

Anamária Vainsencher

Redação e Administração

Rua Fidalga, 548, sala 26, Vila Madalena, São Paulo, SP

Composição e Impressão

AT Publicações e Assistência Técnica Ltda. Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 412.

NÔS MULHERES é uma publicação da Associação das Mulheres

Solidariedade à nossa imprensa

"Caras amigas, Prossequindo em nosso trabalho como Grupo de Brasileiras na Bélgica, temos desenvolvido uma série de estu-

dos sobre a condição feminina, tendo como centro de interesse a situação da mulher brasileira. Temos acompanhado, portanto, com crescente entusiasmo, as realizações do Movimento Feminino Brasileiro, e para isso continuamos contanto, sobretudo, com o suporte dado por vocês através de seu órgão de divulgação, o "Nô Mulheres".

Não poderíamos, portanto, ficar alheias aos problemas que dificultam a aparição periódica desse porta voz das reivindicações femininas. (...) Decidimos assim concretizar essa nossa preocupação pela difícil situação financeira que atravessam os jornais "Brasil Mulher" e "Nô Mulheres", através da realização de uma "noite de solidariedade com a nova imprensa feminina brasileira". Realizada em Louvain-la-Neuve, no Circulo Internacional de Estudantes Estrangeiros, o ato constou da exibição da película "Lúcia" de H. Solas e da venda de doces e salgadinhos típicos brasileiros. Antecipando a exibição do filme, fez-se a justificativa do ato, quando se falou da situação da mulher brasileira, de suas lutas por reivindicações específicas assim como de sua participação na busca de soluções para os problemas mais gerais do país.



Cartaz da noite de apoio ao NM e BM

GRUPO DE BRASILEIRAS NA BELGICA

A IMAGEM DA MULHER

O Grupo de Cinema da Associação das Mulheres pretende organizar uma exposição de fotos sobre a mulher brasileira e para isso pede aos leitores que tenham material sobre o assunto que o enviem por correio ou entreguem na redação do jornal NÔS MULHERES, à rua Fidalga, 548, sala 26, na Vila Madalena, às segundas-feiras entre 20:00 e 21:00 horas.

De preferência as cópias deverão ter a dimensão de 18 x 24. A exposição deverá se dar no mesmo momento do lançamento de um ciclo de cinema promovido pelo grupo de cinema da Associação, em abril ou maio, e não terá fins lucrativos. A quem quiser, as fotos serão devolvidas pelo correio após a exposição.

Por uma imprensa independente

COBRA DE VIDRO DE FATO PASQUIM

Coojornal ESCRITA REPORTER

beijo BRASIL MULHER UAI

Bagaço VERSUS MOVIMENTO



D. Paulo fala às mulheres brasileiras.

“... e fecundar o chão”*

Da primeira greve de operárias, em 1857, às manifestações de hoje, o Dia da Mulher reflete o avanço em nosso nível de organização.

Oito de março de 1857: a polícia reprime violentamente as operárias de Nova York numa das primeiras greves de mulheres do mundo. Em 1910, a socialista alemã Clara Zetkin propõe que a data passe a ser comemorada em todo o mundo como o Dia Internacional da Mulher. No Brasil, a partir de 1976 grupos de mulheres se unem para comemorar publicamente o Dia da Mulher.

Em 8 de março de 1976, cinco grupos promoveram uma amostra de fotos e filmes sobre a mulher no Museu de Arte de São Paulo, expondo suas primeiras experiências como grupos organizados para um público de 400 pessoas.

O 8 de março de 1977 foi comemorado à tarde no Santuário da Penha por mais de 500 mulheres dos Clubes de Mães e Associações das Donas de Casa da Zona Leste de São Paulo. Elas discutiram sua situação, levantando pontos comuns à vida de todas. À noite, no auditório da Fundação Getúlio Vargas, mulheres de diversos setores — bancárias, operárias, empregadas domésticas — deram o seu depoimento sobre as discriminações que sofrem no trabalho. Os grupos que organizaram o encontro apresentaram documentos lembrando a origem do Dia Internacional da Mulher, mostrando os avanços e dificuldades da organização de mulheres.

Este ano, por volta de dez grupos organizados de São Paulo programam dois dias de atividades. No sábado, quatro de março, na PUC — Pontifícia Universidade Católica —, um dia inteiro de debates sobre a situação da mulher na família, no trabalho (dentro e fora de casa) e na sociedade, com a intenção de elaborar um programa com um de luta, contendo os pontos que unificam o maior número de mulheres, organizadas ou não. Dia oito, à noite, esses grupos estarão na Câmara Municipal de São Paulo comemorando junto a outras entidades e a população em geral o Dia Internacional da Mulher por Liberdades Democráticas. Será lido o programa comum de luta tirado do dia quatro e diversas entidades e setores profissionais presentes serão convidados a se manifestar sobre o tema do dia.

* Verso de Cio da Terra, música de Chico Buarque e Milton Nascimento

Ainda este ano, à tarde, no bairro da Ponte Rasa será feita uma comemoração das mulheres moradoras da Zona Leste de São Paulo, à qual foram convidados também os grupos organizadores dos debates na PUC e do ato público na Câmara.

O 8 de Março no Rio

Assim como em São Paulo, no Rio de Janeiro o 8 de março vem também sendo comemorado desde 1976. Neste ano, o Centro da Mulher Brasileira programou as seguintes atividades: dia 8 — Jornadas da Memória da Mulher, um painel sobre as lutas femininas no Brasil desde o movimento sufragista até 1964; dia 9 — O movimento feminista atual no Brasil e em outros países, debate com a participação de representantes dos movimentos feministas do Rio de Janeiro e São Paulo; dia 11 — Festa da Mulher, com painéis e debates sobre a mulher na propaganda, imprensa feminina, proteção à infância, creches, exposição de livros e jornais femininos, teatro infantil e um show de música popular brasileira.

Uma mulher que luta há muito tempo

“O Dia Internacional da Mulher é o corolário das lutas das mulheres pela colocação de seus problemas. Pela sua expressão internacional, se constitui hoje numa vitória dos movimentos de mulheres de todo o mundo. Diante de tantas comemorações, até mesmo menos expressivas, não seria demais que a mulher comemorasse o seu dia. Cada vez mais este dia deverá ter brilho. A mulher não está inserida na sociedade como uma “coisa” isolada e tem como todas as pessoas suas necessidades gerais e particulares. Para essas necessidades ela busca satisfações que já vem sendo levantadas há muito tempo. Mais especificamente, se coloca para a mulher uma participação política maior, para ficar em nível de igualdade com o homem. No Brasil, a tarefa principal da mulher é a luta pelas liberdades democráticas para que ela possa aprofundar as organizações femininas e desenvolver as tarefas que pretende.” Maria Augusta Capistrano, 59 anos, 40 de vida política.

D. Paulo: a hora da mulher

NÓS MULHERES — Sabe o que se comemora no dia 8 de março?

D. PAULO E. ARNS — Consulto a diversas agendas que me enviaram esse ano e nada descobri. Melhor, não descobri a resposta que você de mim espera: o Dia da Mulher.

NM — O que acha da comemoração?

D. PAULO — Aprecio as comemorações, porque nos possibilitam manifestações de gratidão e provas de amizade. No entanto, tenho impressão de que a criatura de Deus, que tão alta missão recebeu na vida, mereça nossa gratidão e nossa amizade em todos os momentos e não só nesse dia. Os direitos humanos são a coisa mais sagrada, sobretudo numa época de indiferença e consumo barato.

NM — Na sua opinião, quais os principais problemas enfrentados pela mulher?

D. PAULO — No plano material, talvez seja o salário baixo. As mulheres realizam tantas vezes o mesmo trabalho dos homens e não recebem igual remuneração. No nível cultural acontece igualmente que sofrem discriminação. Não apenas em países onde não podem adquirir graus, mas até naqueles em que ocupam funções de maior responsabilidade, como as de educadora, assistente social, médica, enfermeira e outras. No nível social também costumam sofrer restrições. Lembremo-nos só das empregadas, das gestantes e outras. No nível espiritual, a mulher é certamente aquela que mais promove os ideais, garante a paz e a justiça e luta em favor dos oprimidos. Mas, mesmo aí, as religiões ainda precisam corrigir muitos preconceitos.

NM — Teria alguma mensagem dirigida às mulheres brasileiras?

D. PAULO — O bondoso Papa João XXIII dizia que entre os sinais do tempo moderno que mais caracterizam a nossa época emerge o fato de a mulher participar na vida pública, e acrescenta: “torna-se a mulher cada vez mais cônica da própria dignidade humana, não permite mais ser tratada como objeto ou instrumento. Antes, reivindicava direitos e deveres consentâneos com sua dignidade de pessoa, tanto na vida familiar como na vida social”. (Enciclica “Paz na Terra”, nº 41)

Gostariamos de ver empenharem-se as mulheres nos grandes problemas atuais da vida brasileira, como sejam,

a volta ao Estado de Direito, a anistia ampla e a luta em favor da saúde, da educação e das condições justas de trabalho. A mulher costuma perseverar encontrando meios pacíficos mais eficientes, para solução de grandes e pequenos problemas. Sabemos todos que ela não quer privilégios para si, mas, antes, justiça e paz para todos. Essa solidariedade, que brota do íntimo do ser da mulher, levará o Brasil a vencer rapidamente a etapa do subdesenvolvimento em que se encontra boa parte da população. A grande hora dos brasileiros é, em primeiro lugar, a grande hora da mulher brasileira.

O direito de participar

“Acho o fato de haver um Dia Internacional da Mulher muito bom. Pois não há outros dias internacionais? Do trabalho, por exemplo. É um dia de comemoração onde se avança na tomada de consciência dos problemas. É difícil falar sobre o principal problema da mulher; são tantos... Talvez se você conversar com mulheres de áreas específicas, como operárias, secretárias, estudantes, etc., elas possam levantar, com relação à sua área, problemas principais. A questão é a mulher ser aceita como parceira na condução dos destinos humanos.” Nadir Kfourri, reitora da PUC

“A mulher anda sempre com medo”

“Tem dia para tudo. Porque não havia de ter um dia da mulher? A mulher enfrenta tantos problemas que eu nem sei. Talvez o maior sejam os maridos. E também o trabalho. Por exemplo, ela não pode trabalhar à noite porque tem medo de andar na rua sozinha. Não sei porque o homem anda na rua a qualquer hora, e a mulher está sempre cheia de medo.” Aparecida Faustino da Silva, 28 anos, empregada doméstica

“Homens, mulheres e deuses”

“Acho que a mulher tem o direito de ter o dia dela, sim. Em São Paulo, acho que o homem manda um pouquinho mais que a mulher. Temos que falar com ele que não é ele que manda no Brasil. Quem manda no Brasil são os homens, as mulheres e os deuses.” Paulinha, 7 anos



Angell vê a libertação da mulher

ORGANIZAÇÕES DE MULHERES



Protesto de mulheres francesas em Paris, 1910

Abrindo caminho

Feministas ou femininos, estes grupos se definem claramente pela necessidade de lutar pela democracia e pela emancipação da mulher.

Vivemos o nosso dia-a-dia na família, como filhas, esposas e mães. No trabalho, como operárias, professoras, comerciárias, empregadas domésticas ou profissionais liberais. Como estudantes, nas escolas e universidades. Vivemos os problemas do bairro e da comunidade em geral, a necessidade de pagar aluguel, de ter serviços públicos de água, luz, esgoto, transportes. E vivemos, como conjunto social, as consequências do tipo de regime político e da orientação econômica dados pelo governo.

No Brasil de hoje, sofremos a falta de liberdade para nos expressar e organizar - por isso unimos nossas vozes às de todas as que pedem pela democracia. Queremos melhores salários e condições dignas de vida, educação para todos, eficiência nos serviços públicos - por isso estamos cada vez mais conscientes da necessidade de participar dos sindicatos, das entidades estudantis, das associações de bairro.

Enquanto mulheres, porém, nossa situação é especial. Temos poucas oportunidades, profissionais e recebemos salários mais baixos. Somos as únicas encarregadas dos serviços de casa e da educação das crianças - e não temos onde deixá-las quando saímos para o trabalho. Vivemos numa sociedade que nos vê como seres inferiores e nos dá funções diretamente ligadas ao nosso sexo, seja como mães, prostitutas ou isca para a venda de produtos comerciais. Temos medo de andar sozinhas pelas ruas.

Por isso tudo, precisamos estar juntas. Precisamos nos organizar enquanto mulheres, seja no trabalho, nos bairros ou em organizações independentes, pois só assim vamos aos poucos des-

cobrir a profundidade de nossas carências e adquirindo a força necessária para gritar por elas.

Os primeiros passos

Desde 1975, Ano Internacional da Mulher, isso já vem acontecendo. Resurgem em vários países do mundo e também no Brasil grupo de mulheres lutando por objetivos comuns. Seja reivindicando salários justos, seja na luta pela anistia dos presos políticos, cassados e banidos, na criação de uma editora para publicar textos sobre a situação da mulher, esses grupos vêm cumprindo a tarefa de denunciar a cada dia as condições em que vive a nossa sociedade e, dentro dela, as mulheres.

São grupos diferentes, por sua origem e concepção da questão feminina. Mas que têm trabalhado juntos em diversas ocasiões, na luta pelas causas comuns. Feministas ou femininos são grupos que se definem claramente e pode-se dizer que isto é o que os unifica - pela necessidade de lutar pela democracia e pela emancipação da mulher.

Segue-se um panorama das organizações de mulheres de São Paulo e Rio de Janeiro que nos foi dado por elas próprias. Embora no momento não tenham notícias de novos grupos - alguns começaram e se dissolveram - sabemos que em outras partes do Brasil, como Bahia, Pernambuco, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, há mulheres preocupadas com sua condição dentro da sociedade.

Aos grupos não citados pedimos que se correspondam conosco, como primeira forma de contato.

Associação das Donas de Casa

Hoje filhos tornam-se "artigos de luxo", que precisa ser planejado para ver se dá para criar. Até nisso a mulher não tem liberdade, vai logo se apegar no anticoncepcional, correndo o risco de contrair doenças incuráveis.

Relatado num dos números do seu jornal, este é um dos temas de discussão desses grupos formados por donas de casa da periferia de São Paulo, que trabalham ativamente na vida da comunidade.

Além de aprender trabalhos manuais, as donas de casa fazem pesquisas sobre as necessidades mais prementes do bairro e vão coletar assinaturas pedindo por creches, postos de saúde, etc. Encaminham elas próprias esses pedidos às autoridades: já passaram tardes inteiras na prefeitura à espera de quem as atendesse. Seu trabalho tem resultados concretos, como por exemplo a instalação de creches que as mulheres chamam de "creches de pressão".

O jornal da Associação das Donas de Casa aborda questões de "saúde, educação, formação e informação" da mulher e sua família, prestando serviços como dar endereços e horários de atendimento de Postos de Saúde ou esclarecendo a função das APM - Associação de Pais e Mestres. Ao lado disso, divulga o andamento do trabalho dos grupos com discussões que vão desde os métodos anticoncepcionais até a falta de água nos bairros da periferia.

Centro da Mulher Brasileira

A partir de um seminário de discussões sobre os problemas da mulher, realizado em 1975 no Rio de Janeiro, criou-se o Centro da Mulher Brasileira.

No início de suas atividades o Centro organizou grupos de reflexão e tinha como objetivo principal "combater a alienação da mulher em todas as camadas sociais para que ela pudesse exercer seu papel insubstituível e, até agora, não assumido no processo de desenvolvimento".

1975/76 foi um período de estruturação e organização do movimento feminista no Rio de Janeiro. Em 1977, com a realização do 1º Encontro da Mulher que Trabalha iniciou-se "um movimento de 'sair se si', estando mais atentas ao conjunto de reivindicações da sociedade civil, tentando fazer do Centro uma associação mais atuante, respondendo melhor aos acontecimentos nacionais através da colocação da problemática da mulher e em especial da mulher que trabalha no cenário político da nação." Dois pontos passaram então a orientar o trabalho do Centro: a atuação em comunidade e a criação de um grupo de estudo sobre trabalho e sindicalização.

Na comemoração do 29º aniversário da Declaração dos Direitos do Homem realizada na ABI do Rio de Janeiro, as mulheres do Centro apresentaram uma moção que reivindicava direito ao trabalho, salários justos e iguais, condições de vida dignas, participação política e exercício pleno das liberdades democráticas.

Hoje, após três anos de atividades, esse grupo tem maior clareza sobre a orientação do movimento feminista no Brasil: "cada vez mais nos distanciamos do aspecto sexista da luta da mulher, para privilegiar a problemática da mulher trabalhadora".

O Centro da Mulher Brasileira está com a seguinte programação marcada para o 1º semestre de 1978: Comemoração do Dia Internacional da Mulher (leia o artigo sobre o 8 de março); realização do II Encontro da Mulher que Trabalha, em 30 de abril e 1º de maio; Encontro Nacional de Mulheres, que será realizado de 30 de junho a dois de julho em comemoração ao 3º aniversário do Centro e deverá ser um encontro dos movimentos feministas do Brasil.

Pró Mulher



Surgido em São Paulo em fins de 1977, este grupo preocupa-se em levantar problemas e desenvolver estudos teóricos e práticos sobre a condição da mulher, formular estratégias de ação para as reivindicações surgidas, denunciar e divulgar os resultados dos estudos às comunidades, aos poderes públicos, aos meios de comunicação e às empresas. Além disso, visa dar orientação médica, psicológica, jurídica, profissional e educacional às mulheres e organizar cursos e conferências sobre todos esses assuntos nos locais interessados. Seus objetivos são que homens e mulheres possam desenvolver integralmente suas potencialidades, sem que haja opressores e oprimidos entre os sexos, e que as mulheres tenham as mesmas possibilidades que os homens: que alguns métodos de ascensão social, criados pelos homens, sejam revisados, a fim de que os seres humanos sejam menos competitivos e, portanto, mais tranquilos e felizes.

Associação Jornal

Em julho um grupo de mulheres que trabalham lutando das por questões de gênero lança em do jornal

No ed versas ra mulher cessidad nista, "paço no ção e r para pe Mais ai minista todos os mais jus estudad, dignos, o que ve não sep luta de sua em

Hoje, vimento das pró através cessidad só por a imprem como di 5: "sabe mulher de; enq imagem lias inte (...), enq numa disse e

Clube



quias, e Inicialm res que feria, d ciais. E mantem grande seguem no inici vantou pação a lorizass ção dos dade er

Nas se encol trabalh mas rel her, à une é u dade, c "os clu ser gen partit tua. T' cum p culdad familia A ma ticipan gadas a casa, o onde d

Associação das Mulheres e Jornal Nós Mulheres

Em julho de 1976, um grupo de mulheres que vinham trabalhando e discutindo juntas, unidas por uma mesma concepção sobre a questão feminina, lança em São Paulo o primeiro número do jornal **Nós Mulheres**.

No editorial, o jornal apontava as diversas razões que tornam a opressão da mulher um problema específico e a necessidade de se fazer um jornal feminista, "para que possamos ter um espaço nosso, para discutir nossa situação e nossos problemas. E também para pensarmos juntas nas soluções". Mais ainda, esclarecia que a luta feminista é parte integrante da luta de todos os oprimidos por uma sociedade mais justa, "onde todos possam comer, estudar, trabalhar em trabalhos dignos, se divertir, ter onde morar, ter o que vestir e o que calçar. E, por isto, não separamos a luta da mulher da luta de todos, homens e mulheres, pela sua emancipação".

Hoje, após um balanço do desenvolvimento da luta da mulher brasileira, e das próprias dificuldades que o jornal atravessa **Nós Mulheres** afirma a necessidade de se redobrar esforços não só por acreditar na importância de sua imprensa feminista, mas também como dizia em seu editorial do número 5: "sabemos que enquanto houver uma mulher oprimida não haverá liberdade; enquanto nossos olhos refletirem a imagem de favelas miseráveis e famílias inteiras se arrastando pelas ruas; (...) enquanto houver prostituição, nenhuma mulher será livre. Sabemos disso e essa é nossa causa".

Clubes de Mães



"Unidas para um mundo mais justo" é um dos lemas desses grupos organizados nos bairros da periferia de São Paulo. Geralmente vinculados às paróquias, eles existem há muito tempo. Inicialmente patrocinados por mulheres que vinham de bairros fora da periferia, dedicavam-se a obras assistenciais. Embora ainda haja clubes que mantenham essa forma de trabalho, grande parte deles (por volta de 100) seguem uma nova orientação, surgida no início da década de 1970, e que levantou a necessidade de uma participação ativa da mulher, onde ela se valorizasse como tal e atuasse na resolução dos problemas do bairro e da sociedade em geral.

Nas reuniões semanais, as mulheres se encontram para conversar, aprender trabalhos manuais e discutir problemas relacionados à sua vida como mulher, à comunidade e ao país. O que as une é um forte sentimento de solidariedade, como diz uma mãe da zona sul: "os clubes de mães ajudam a mulher a ser gente. Acharmos que é preciso repartir tudo: há uma enorme ajuda mútua. Temos inclusive uma caixa comum para os momentos de maior dificuldade desta ou daquela pessoa ou família".

A maior parte das mulheres que participam dos clubes de mães são empregadas domésticas e algumas donas de casa, que não trabalham por não ter onde deixar os filhos. Como donas de

casa e moradoras dos bairros de periferia, elas sentem muito de perto o problema do custo de vida: a sacola volta cada vez mais vazia da feira. Foi de uma conversa dessas mulheres que surgiu a primeira idéia do Movimento do Custo de Vida, que vem crescendo dia a dia e que luta pela elevação dos salários acima do nível do custo de vida e pelo congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade.

Ao lado da ação na comunidade e na sociedade, os clubes de mães pretendem dar à mulher maior abertura e informação, através de cursos, e possibilitar a ela a aprendizagem de uma profissão.

São reivindicações desses grupos: salários justos, melhor alimentação, mais saúde, escolas e creches para todos, postos de saúde nos bairros, respeito aos direitos da pessoa, mais justiça e outras relacionadas a melhores condições de vida. Para esclarecer o que fazem e como funcionam, essas mulheres fazem dramatização e cartazes.

O clube de mães representa para suas participantes não só um local de trabalho, mas também de lazer; um local onde se encontram, conversam e fazem novas amizades.

Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira



Fundado em 1975 em São Paulo, em função das comemorações do Ano Internacional da Mulher, o Centro tem como programa de ação "criar as condições de uma verdadeira igualdade - não uma igualdade dentro da desigualdade - mas uma igualdade dentro de uma emancipação comum, a de homens e mulheres brasileiras". Suas atividades são levadas a termo por três grupos de trabalho: o de estudo e pesquisa; o de divulgação e publicações e o de contatos.

Entre os objetivos estatutários do Centro figuram: "o conhecimento e a divulgação da condição da mulher brasileira em geral e, em particular, da mulher de São Paulo; - contribuir para uma participação cada vez maior das mulheres brasileiras no desenvolvimento econômico, político, social e cultural do nosso país; - promover e desenvolver em sua sede, ou fora dela, atividades culturais, recreativas e esportivas, palestras, cursos, conferências, pesquisas, etc."

Nova Mulher Editora



"A linha editorial da Nova Mulher define como temas principais a serem tratados os ligados à saúde, trabalho, sexualidade, educação da menina e da adolescente, sem esquecer publicações que denunciem as violências de toda ordem que são cometidas diariamente contra as mulheres de qualquer idade". Esta editora - fundada no segundo semestre de 1977 em São Paulo por um grupo que integrava o jornal **Brasil Mulher** e que dele se afastou em agosto desse mesmo ano - pretende publicar sistematicamente obras feministas, vindo nisso contribuição essencial ao movimento de libertação da mulher no Brasil.

A Nova Mulher imprimirá livros e cadernos. Estes últimos já estão em fase final de preparação e seu conteúdo

será dado pelas informações resultantes de estudos sobre a mulher, que foram e estão sendo elaborados por mulheres ligadas ou não a trabalhos universitários. A linguagem desses estudos é passada para uma forma mais simples e condensada. O grupo está recebendo contribuições de todo Brasil.

Serão publicados também livros de ficção e nesse sentido o conselho editorial está-se movendo para recolher manuscritos inéditos de todo país para divulgar a poesia e prosa da mulher comum.

Embora a prioridade de publicação seja dada a obras brasileiras, serão impressos também livros de outros países.

Para o segundo semestre a editora prevê o lançamento de uma promoção nacional que mobilizará centenas de mulheres que escrevem e que até agora estão desconhecidas.

A Nova Mulher mantém, também, um grupo de reflexão que se reúne semanalmente.

Comissão de Mães em Defesa dos Direitos Humanos

No ano passado, à época das manifestações estudantis, um grupo de mães reuniu-se para trocar idéias sobre seus filhos e o momento político por que passávamos, dando origem a este movimento.

Durante as movimentações estudantis, essas mães faziam plantões, mantendo contato permanente com os Diretórios Centrais de Estudantes, visando a segurança dos participantes.

Logo, a Comissão de mães recebeu apoio da Comissão de Justiça e Paz e do Instituto Sedes Sapientiae, cresceu e se estruturou, reunindo mais adeptos e pronunciando-se publicamente por cartas que os jornais veicularam, toda vez que os Direitos Humanos foram atingidos.

São objetivos do grupo: "a) defesa das justas reivindicações de nossos filhos; b) volta ao Estado de Direito, única forma legítima de defesa dos Direitos Humanos; c) trabalho para o bem comum da comunidade a que pertencemos".

Sociedade Brasil Mulher



Grupo que publica o jornal **Brasil Mulher**, surgido em fins de 1975 em Londrina (Paraná) vinculado ao Movimento Feminino pela Anistia, do qual se desligou a partir do número dois, quando suas participantes definiram-se como feministas.

As mulheres do **Brasil Mulher** acreditam que "num país como o nosso, onde inexistente liberdade de organização e manifestação, onde as condições de vida e de trabalho são as piores possíveis, atingindo a maior parte da população, (...) e a mulher que suporta com maior rigor as suas consequências. E para ela se libertar é preciso que grandes massas femininas participem ativamente para transformar esta situação. Nesse sentido, procuramos fazer reportagens, pesquisas, entrevistas, apoiamos e nos solidarizamos a todos os movimentos que lutam pela libertação de amplos setores oprimidos e explorados, procurando destacar o papel que a mulher deve ter e tem tido em todas estas lutas."

O jornal é um dos representantes da chamada imprensa independente e enfrenta dificuldades, como falta de dinheiro por exemplo. Apesar disso, ele consegue sobreviver pois "responde a uma necessidade do movimento das mulheres brasileiras que devem, em suas lutas específicas, marchar lado a lado com as lutas gerais pela transformação da sociedade."

Embora o grupo esteja voltado basicamente para a elaboração do jornal, pretende também desenvolver a **Sociedade Brasil Mulher** cujo principal objetivo será trabalhar pela organização das mulheres.

O **Brasil Mulher** mantém uma sucursal no Rio de Janeiro.

Movimento Feminino do MDB



Uma das organizações existentes dentro do partido de oposição. O movimento convoca as mulheres para uma "luta ao lado dos homens", para que assumam uma representação política participando dos três poderes da república, lutando contra os preconceitos históricos sobre a posição da mulher.

O Movimento Feminino do MDB acha que as mulheres devem se unir politicamente não só por interesses específicos, uma vez que a realidade política do país impõe restrições a todos, impedindo qualquer forma de organização.

Essas mulheres elaboram estudos e fazem discussões internas, estando no momento empenhadas na participação da mulher na campanha eleitoral de 1978. O grupo conta com representantes de diversos bairros ao lado de profissionais liberais, artistas, donas de casa e empregadas domésticas.

Movimento Feminino pela Anistia

Nascido em São Paulo em fins de março de 1975. Como próprio nome diz, tem como bandeira de luta a anistia ampla e irrestrita a todos os presos, exilados e banidos políticos. De 1975 para cá, o movimento cresceu bastante criando núcleos no Rio Grande do Sul, Ceará, Pernambuco, Paraíba, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e Santa Catarina. Em agosto desse ano, entregou às lideranças do Senado e Câmara e à Presidência da República um abaixo-assinado com doze mil assinaturas, cujo texto propunha que a anistia se fizesse um imperativo da consciência de cada um. Posteriormente, o abaixo-assinado recebeu mais seis mil assinaturas. As mulheres do Movimento Feminino pela Anistia visitam os presídios, dão assistência às famílias dos presos, denunciam arbitrariedades.

Em dezembro do ano passado realizou-se o 1º encontro nacional do Movimento Feminino pela Anistia, do qual participaram representantes de vários estados do país. Desse encontro resultou um manifesto pedindo a bandeira de luta por uma Constituinte e dizendo que "(...) nós, mulheres brasileiras do Movimento Feminino pela Anistia, perante a Nação, reafirmamos neste documento histórico o compromisso de não descansarmos enquanto nossos objetivos não forem atingidos na sua totalidade (...)"

O movimento tem ainda um órgão de divulgação, o jornal **Maria Quitéria**.

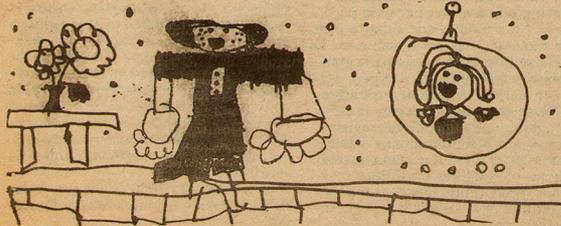


Sem uniforme. Sem regras definidas de comportamento. As crianças participam da própria educação.

Maria Cristina Ribeiro Pereira

Um jeito novo de aprender

Uma escola diferente das outras. "Um oásis", nas palavras de uma das professoras. A **Criarte** pretende ser uma alternativa à escola tradicional, onde educar significa apenas transmitir conhecimentos do professor para o aluno. Numa conversa com um grupo de professoras da escola, que abrange a educação maternal e pré-primária, elas contam o que é, para elas, educar uma criança.



Uma das professoras nos conta que, em sua classe, houve problemas de relacionamento entre os alunos. A forma como foi encaminhada e solucionada a questão ilustra claramente a orientação da **Criarte**. Ela explica: "Houve um problema de liderança despótica. Havia uma criança que liderava o grupo de uma forma extremamente autoritária. Os pais começaram então a me pedir que expulsasse a criança da escola, ou tiravam seus filhos se eu não resolvesse o problema. Ai eu comecei a fazer reuniões com os pais tentando estabelecer um paralelo entre o que acontecia aqui na escola e o que acontece normalmente na vida de todo mundo, argumentando que sempre vai haver uma autoridade em cima de você e que se existe uma pessoa que corta a possibilidade da sua defesa, você fica fraco. Então, eu trabalhei com eles no sentido de mostrar que era das crianças que tinha que nascer a força de acabar com essas autoridades."

As crianças tinham em média seis anos de idade. A professora comenta os momentos de desespero a que chegou, sob a constante pressão dos pais. Mas a luta continuou. Ela foi tentando fazer com que as crianças entendessem o que estava acontecendo: "O cara gritava: vai buscar o balde! Eu falava: você está a fim de buscar o balde para-ele? O garoto respondia que não. Então porque você vai? Mas ele ia. Fui trabalhando assim e eles foram percebendo a força do grupo. Um dizia para o outro: Você está com vontade? O outro falava não. Já eram dois. Ai outro dizia: eu também não".

E AS CRIANÇAS DECIDEM...

Diante de qualquer problema com a classe, a escola faz reuniões com os alunos para discutir o que acontece. Assim, as crianças começaram a solicitar uma reunião para resolver o problema com esse menino. "Um dia um dos garotos chegou para mim e disse: eu quero uma reunião, porque eu não quero mais ser mandado." Outros, de forma diferente, manifestaram o mesmo desejo. A meninada então, reuniu-se.

"Nesse dia, eles se juntaram fisicamente. O tal garoto ficou separado do grupo (uns 5 mais ou menos), grudados um no outro para conseguir falar. Então um deles começou a falar: eu não gosto que ele faça isso! O outro dizia: eu também não! Ai eu fui fazendo um rodízio para que todos falassem.

"Nesse momento, foi muito importante", continua ela, "porque exatamente foi a consciência da força do grupo; de que existia um mito da autoridade e de que na verdade, na hora em que eles se juntavam e colocavam para fora o que sentiam, eles conseguiam transformar a situação. Para esse menino também foi muito importante, porque a sua relação afetiva estava ligada ao seu poder. Ele não conseguia transar afetivamente a não ser assim.

Não batia, porque não tinha força para bater. A força dele era no grito e na ameaça. Ele conseguia manipular todo mundo, inclusive a mim. Se eu falasse: gente, vamos subir, e ele dizia não, ninguém subia. Nesse dia ele teve uma crise. Começou a chorar, chorar, ficou enfurnado num canto comendo maçã verde, com as lágrimas saltando dos olhos, porque ele se sentiu completamente rejeitado. Ai eu comecei a falar com ele: olha, isso não quer dizer que as pessoas não gostam de você. Vamos lá com eles, você vai ver. Foi muito

legal, porque as crianças realmente gostavam dele. Quando ele chegou, as crianças o chamaram para brincar. De repente ele percebeu que, apesar de tudo, as pessoas continuavam a gostar dele. Então foi mudando, aos poucos a forma dele se relacionar com os outros.

A professora iria então fazer uma reunião de pais, mas as crianças quiseram participar. "No princípio, levei um susto", conta ela, "não ia ser fácil. Combinamos o dia. Antes disso, começamos a trabalhar o que iríamos fazer na reunião. Eu falei: que tal se a gente contasse o que aconteceu conosco esse ano? Eles toparam. Nesse dia esse menino falou: eu era muito mandão, mas agora eu mandei o mandão para o quinto dos infernos".

"Na reunião, os pais sentaram em volta, eles no chão, nem olhavam para os pais, conversavam entre eles. Foram falando, das brigas... Conseguiram fazer uma análise do processo do grupo e individual também: o que cada um tinha passado. Foi muito legal porque pegou os pais na vivência do dia a dia.

Fizeram depoimentos da relação deles com a autoridade. Um dos pais, professor universitário, contou de uma experiência na Universidade que não tinha dado em nada, porque ele foi podado pelo pessoal da Universidade ao tentar fazer um trabalho assim, de deixar aparecer a crise. Forçar a crise, viver a crise com tudo, para depois sair do caos com uma coisa nova".

NÃO EXISTE O EDUCADOR: TODOS SE EDUCAM

Comentando sobre a orientação da escola, a professora disse que "isso não poderia acontecer se esse trabalho não tivesse começado no maternal. Essas crianças só tiveram condições de fazer isso, porque a gente está trabalhando o grupo desde que ele entrou na escola, com dois anos. De uma forma diferente, é claro, mas a gente vai levando a criança a ser um sujeito que começa a saber o que quer e a ter visão do outro".

Outra professora acrescenta: "Ele tem a identidade dele como indivíduo do grupo, mas essa identidade é dada também pela existência do outro".

"A gente acredita que não existe o educador", nos diz uma orientadora. "A educação é a relação com cada pessoa. Uma criança às vezes pode estar educando a outra muito melhor do que o professor. Quando ela dá uma resposta à ação do outro, ela está de uma certa forma educando. E é o que ela faz com o professor também. A educação é todo mundo se educando".

"Existe a ação pedagógica que vai do professor para a criança mas volta das crianças para o professor. O professor tem que estar inteirado dos problemas da época, senão ele não pode trabalhar com educação, porque a criação da criança está muito ligada à realidade dela. A realidade é o alimento e o professor tem que ter uma visão do mundo dessa realidade, que dê direção ao seu trabalho; porque não existe um sistema de educação que não tenha uma direção. Esse caso mencionado poderia ser orientado de várias maneiras: por exemplo, um professor autoritário acaba com isso, sufocando o mandão; ele continuaria marginal e não teria oportunidade de rever a ação dele e retomar o processo. Ficaria com um papel marcado desde o começo".

A luta ressurgue

Trabalhadores organizam-se para transformar seus sindicatos em um verdadeiro instrumento de luta por melhores condições de vida e de trabalho.

Em vários lugares do país, em diferentes categorias, os sindicalistas pretendem hoje algo de novo de sua organização associativa. Querem um sindicalismo de base, que não dependa da boa vontade deste ou daquele "bom político" ou "bom patrão" para garantir condições dignas de vida.

Esses sindicalistas se autodenominam oposição sindical. Fazem oposição não apenas às diretorias sindicais existentes - surgidas na maioria das vezes sem o menor apoio das categorias que representam - mas principalmente ao sindicalismo em vigor no Brasil desde 1937, que atrela os sindicatos ao Ministério do Trabalho, impede contatos entre as categorias e controla "paternalisticamente" a capacidade de luta dos trabalhadores. São sindicalistas que, através das duras condições de vida a que foram submetidos pelos baixos salários e alto custo de vida, vêm cada vez mais se organizando.

Se aos olhos da população brasileira esta nova força sindical começa a aparecer apenas agora, na verdade desde 1973 já se podia sentir indícios destes novos movimentos. Em várias fábricas eram feitas operações tartaruga (diminuição coletiva e proposital do ritmo de produção). Os operários conseguiram paralisar setores inteiros de grandes fábricas. Listas de reivindicações por melhores condições de trabalho chegavam às mãos dos diretores de indústria, assinadas por parcelas significativas de trabalhadores.

O momento da maturidade

O que se vê hoje é este movimento sindical atingir maturidade e força suficiente para concorrer em eleições pela direção dos sindicatos de suas categorias. Isso vem acontecendo em muitos lugares, em muitas categorias, por todo o Brasil. E não são somente os

operários que se voltam novamente para seus órgãos associativos legais: são também os jornalistas, os bancários, os médicos, os advogados e todo o conjunto de trabalhadores, na cidade e no campo, em busca de melhores condições de vida.

Nos sindicatos onde as diretorias vêm se caracterizando pelo cupulismo, pelo desprezo à organização dos trabalhadores e até pela colaboração explícita com as "forças da ordem", os trabalhadores vêm ativando a via eleitoral de oposição, pois consideram que não há meios de trabalhar no sindicato junto às diretorias da situação.

Por outro lado, há lugares onde os trabalhadores que se reúnem em torno das idéias de oposição preferem pressionar as diretorias a assumir posições favoráveis aos trabalhadores. É o que parece estar acontecendo com sucesso em vários sindicatos na luta pela reposição salarial de 1973/74 e, particularmente, nos sindicatos dos metalúrgicos do ABC.

Finalmente, o novo sindicalismo caracteriza-se também pela participação da mulher trabalhadora, que até agora vinha sendo vista no modo depreciativo mesmo por sindicalistas combativos. É o que demonstra o atual índice de sindicalização feminina, os congressos sindicais femininos já realizados ou em vias de se realizar, e a especial atenção dada à mulher trabalhadora em eleições sindicais pelas oposições - como nas eleições dos metalúrgicos do Rio de Janeiro e Osasco, por exemplo. Nesse processo, caberá às mulheres trabalhadoras mais avançadas lutar para que mais mulheres participem, não só em defesa de seus interesses enquanto trabalhadoras mas também em defesa de seus interesses enquanto mulheres.

COMPANHEIRO DIGA NÃO A CHAPA DOS PATRÕES VOTE NA OPOSIÇÃO CHAPA 1



PELA LIBERDADE SINDICAL

Oposição sindical: os trabalhadores querem sindicatos livres

NOTAS

Pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita

A luta pela anistia no Brasil deu um novo passo no dia 14 de fevereiro, quando no auditório da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Rio de Janeiro, foi lançado o Comitê Brasileiro pela Anistia.

Os objetivos do Comitê são:

- Trabalhar pela anistia plena e universal de todas as pessoas atingidas por atos de exceção em vigor desde 1964;

- Concorrer para divulgação, discussão e resolução dos problemas referentes a anistia;

- Elaborar estudos teóricos sobre a anistia, visando a sua aplicação prática;

- Concorrer para o aprimoramento das instituições democráticas, notadamente aquelas empenhadas em lutar pela adoção de medidas que promovam a anistia;

- Dar assistência moral e material aos

presos políticos e suas famílias.

A criação do Comitê pró-Anistia, juntamente com o fortalecimento do Movimento Feminino pela Anistia e da Comissão de Justiça e Paz, vem demonstrar que a luta pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita, uma das importantes lutas democráticas de nosso país, começa a emergir no cenário político, assumindo cada vez mais um lugar de destaque.

Convite

A população está convidada a comparecer ao lançamento da campanha do **Movimento do Custo de Vida**, que se realizará no dia 12 de março, às 14.00 horas no Colégio Arquidiocesano, próximo à estação Santa Cruz do Metrô.

Cinema Debate: A Mulher em São Paulo

O grupo de cinema da Associação das Mulheres, o *Jornal Brasil Mulher* e o

Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira organizam junto com a Emplasa o Ciclo Cinema Debate: "A Mulher em São Paulo".

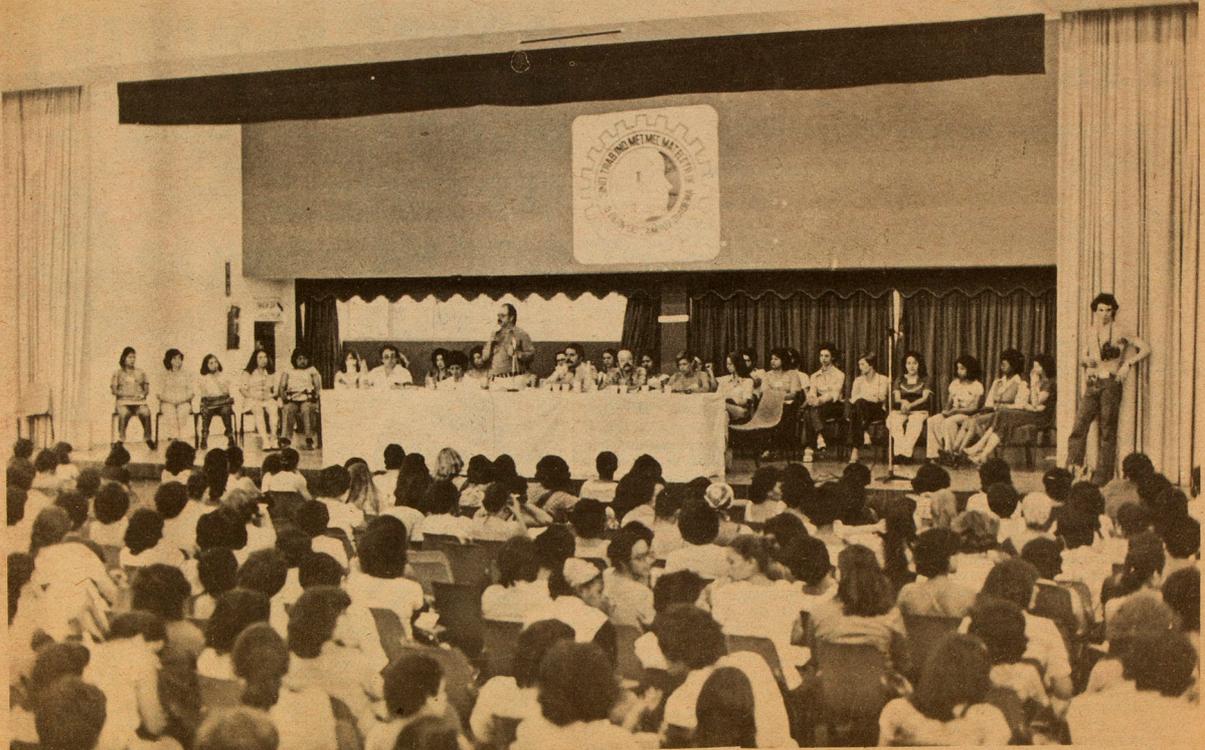
A programação é a seguinte: dia 15 de março - "A Vida de Doméstica" - filme sobre a Associação das Empregadas Domésticas de São Paulo, com a presença de Eliane Bandeira (autora do filme) e uma representante da Associação das Empregadas Domésticas; 21 de março: "As condenadas" - filme sobre a situação dos presídios femininos, com a presença de Percyval de Souza, jornalista, Frei Baruel, padre dominicano, Oswaldo de Loretto, psiquiatra, Lucrécia Daher, diretora do presídio; 29 de março: "A Mulher: nº 1" - filme sobre as condições gerais de trabalho da mulher, contando para o debate com Maria Moraes, socióloga e feminista, Felícia Madeira, socióloga do Cebrap. As projeções dos filmes são realizadas no Auditório da Emplasa na Av. Páris Lima, 533 - 1º andar, às 20h00. (entrada grátis).

A CLT mudou

"Não é uma conquista o que não foi reivindicado". Foi esse o comentário de uma operária metalúrgica a respeito da liberação do trabalho noturno e das horas extras para as mulheres, conforme o projeto-de-lei, aprovado no mês passado pelo presidente Geisel, que altera a CLT no capítulo referente à mão-de-obra feminina.

A proibição do trabalho noturno e a redução da jornada de trabalho foram sempre uma conquista do movimento operário. No Brasil, o trabalho noturno foi proibido em 1932. Nesse sentido, sua liberação para as mulheres significa não uma conquista de igualdade, mas um retrocesso.

Como disse a operária, não se pretende a igualdade na exploração. Para ela, o momento é de luta para acabar com o trabalho noturno para homens e mulheres, "um trabalho desgastante, que diminui o tempo de vida do trabalhador e impede a sua participação social".



Pela primeira vez reunidas, as metalúrgicas surpreenderam pela grande participação

“Momento de união”

A partir das entrevistas realizadas durante o I Congresso da Mulher Metalúrgica de São Bernardo e Diadema selecionamos algumas frases que nos pareceram mais significativas. Publicamos, também, uma poesia enviada por uma trabalhadora metalúrgica e que, acreditamos, seja uma das melhores formas de avaliar este Congresso.

“Neste início de 78, o Congresso da Mulher Metalúrgica foi o que de mais importante aconteceu à categoria neste ano, em termos de sindicalização e real participação da mulher no sindicato. Também importante para a classe trabalhadora em geral, classe esta que é a base essencial de toda uma sociedade. Uma classe que pouco ou nada participa das riquezas que tem produzido, e que depois de longos anos tendo permanecido em estado latente de hibernação, num silêncio amargo, volta-se um tanto sem jeito para as suas reais necessidades; e nada melhor do que um acontecimento como este para contribuir com seus reais interesses, permitindo assim que todas as mulheres pudessem, em conjunto, tratar de problemas que são de todas que vêm quantitativamente aumentando a mão-de-obra nas indústrias”.

“Este acontecimento não deixou de contribuir para que, no futuro, haja a verdadeira emancipação da mulher trabalhadora, que está à margem dos acontecimentos e de sua própria história. Hoje, ela é quem mais está à margem num País que tem todo o futuro pela frente para a formação de uma grande Nação”.

“As discussões dos grupos de debate deram uma visão real das condições mais do que precárias em que se encontra a mulher metalúrgica dentro das fábricas”.

“Quando os patrões necessitam que a gente trabalhe dia e noite - como está acontecendo - ninguém indaga com quem vão ficar as crianças, ninguém procura fiscalizar a falta de creches, creches estas que pouco ajudam, já que a criança fica só até terminar a amamentação e depois o problema continua”.

“A dupla jornada de trabalho é responsável pela pequena participação da mulher na vida social, no Sindicato, pela falta de condições para estudo e desenvolvimento, lazer e pelo envelhecimento precoce, permitindo ver com clareza o maior nível de exploração a que nós estamos submetidas. A discriminação é maior quando se leva em conta a exigência de maior escolaridade para a mulher, em troca de salários mais baixos do que os homens, para fazer o mesmo trabalho”.

“O fundamental é a união de todas para sairmos deste desnível em que nos encontramos, o que não quer dizer que encontros serão explorados quanto os homens, mas que, juntos, possamos lutar pelo desenvolvimento de toda uma classe, sem as discriminações tão caracterizadas hoje. Mesmo tendo nossas reivindicações específicas, só conseguiremos transformá-las em conquista com a nossa união enquanto mulheres e unidas aos homens pelos nossos interesses comuns na luta por um mundo mais digno”.

I CONGRESSO DA MULHER METALÚRGICA

Foi exaustivo o dia, mas de grande alegria.

Mulheres unidas se encontrando num diálogo primeiro, mãos calosas, é verdade, esta é a nossa realidade. Muita atenção e emoção a todas envolvia.

Foi com espanto e interesse que ouvimos; não eram nós..

Momento de união abaixo a exploração! Juntas viam surgir, entre as asperezas de nosso tempo, o brilho da confraternização pelos mesmos ideais.

As partículas e os átomos locomoveram-se em grande movimentação num contínuo movimento universal; Mesmo com as explosões, o Sol oferece-nos vitaminas em suas partículas solares.

O calor estafante, suor nos rostos, de mulheres falantes num diálogo primeiro, demonstrando maturidade, capacidade, dizendo duras verdades, reivindicando!

As denúncias foram muitas, de coisas absurdas, todas sofrendo caladas, mudas, numa era de tecnologia avançada, os séculos idos ficando no passado,

e ela fala de reivindicações sentidas pela dura lida do nosso cotidiano.

Não há creches! Condições de segurança e higiene! Queremos redução da jornada de trabalho!

Não aceitamos o horário noturno! E as reivindicações se estendem ao longo das nossas necessidades. Nestes últimos dez anos, a mulher foi quem mais sofreu mudanças em toda a sociedade. Hoje começa um amadurecimento de verdade.

Se opondo contra pressões de empresas que usam dos mais diversos subterfúgios para impedir sua participação, disseram elas, não!

Participamos da sociedade, queremos igualdade, somos contra toda discriminação. Não queremos igualdade dos machos, mulheres endurecidas pelas máquinas, pela vida

mas mulheres que, em sua total insensibilidade e amor, lutem pelo bem comum, com trabalho dedicado, e quando num mundo conturbado se fizer necessário, derrame lágrimas sobre este chão

e que neste gesto, inda que de resto, diga tudo. TEREZA